

KNOW-HOW
3000

Experience

IN DETAIL

Agroecologia - Tradições e novos conhecimentos nas terras do oeste do Rio Grande do Norte – Brasil



HORIZONT
3000

AUSTRIAN ORGANISATION
FOR DEVELOPMENT COOPERATION

Índice

Índice.....	2
Índice de Gráficos.....	2
Lista de Abreviaturas.....	2
1. Informação Geral.....	3
2. Contexto da Experiência.....	3
3. História e Desenvolvimento da Experiência.....	3
4. Características Principais da Experiência.....	4
5. Partes Interessadas e Organizações Parceiras.....	4
6. Recursos.....	4
7. Lições aprendidas.....	5
8. Desafios.....	5
9. Sustentabilidade.....	5
10. Compartilhando a Experiência.....	5
11. Bibliografia.....	6

Índice de Gráficos

Figura 1 Localização da experiência.....	3
--	---

Lista de Abreviaturas

ASA	Articulação no Semiárido Brasileiro
CENTRAC	Centro de Ação Cultural
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviço
CPT	Comissão Pastoral da Terra Nordeste 2
DKA	Dreikönigsaktion - Agência de cooperação do Movimento de Katholische Jungschar Austria
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Imprint

Experience in Detail

“Agroecologia - Tradições e novos conhecimentos nas terras do oeste do Rio Grande do Norte - Brasil”

Publicado em

Viena, Janeiro 2017

por

HORIZONT3000

www.horizont3000.at

Editado por

CPT - Comissão pastoral da Terra Nordeste 2

e

HORIZONT3000

Com o apoio da

Cooperação Austríaca para o Desenvolvimento (CAD)

e

das Organizações Membras da HORIZONT3000

Contato

Marluce Melo

umarluce@gmail.com

Antonio Nilton Junior

cptrn@cptne2.org.br

¹ DKA Austria - Agência de cooperação do Movimento de Katholische Jungschar Austria, Movimento dos Homens Católicos da Áustria – KMBÖ, Movimento de Mulheres Católicas da Áustria – kfbö, Caritas Áustria, Seção de missão e desenvolvimento da Arquidiocese de Viena, Casa do Mundo Diocese Graz-Seckau, Irmãos e irmãs necessitados - Diocese Innsbruck, Irmãos e irmãs necessitados - Ação Católica Caríntia

1. Informação Geral

A Comissão Pastoral da Terra Nordeste 2 (CPT) é um serviço à causa dos homens e mulheres pobres do campo brasileiro, aos quais presta apoio e assessoria na organização, em vista da defesa de seus direitos e da conquista de espaços econômicos, políticos, sociais e culturais.

A região oeste do Rio Grande do Norte é marcada pela disputa de dois modelos de agricultura. De um lado, a agricultura camponesa que preserva a vida, a natureza e produz alimentos saudáveis. Do outro lado, o modelo que produz a morte, o agronegócio – processo de reprodução ampliada do capital que opera o atual modelo agrário-agrícola e que só pensa no lucro, envenena os alimentos, concentra a terra, a água, a renda, destrói a natureza, contamina o solo, polui os rios e as fontes. Nesse documento, CPT apresenta a experiência chamada “Agroecologia - Tradições e novos conhecimentos nas terras do oeste do Rio Grande do Norte – Brasil”. A experiência mostra a trajetória da transição do modo de produção usando agrotóxicos para a agroecologia. Esse documento é um relato das experiências agroecológicas e de convivência com o semiárido, desenvolvidas por cerca de 350 famílias de comunidades e assentamentos da região Oeste do Rio Grande do Norte.



Figura 1 Localização da experiência

2. Contexto da Experiência

A experiência foi realizada entre 2010 e 2013 no oeste do Rio Grande do Norte. Essa região é marcada pelo agronegócio da fruticultura. Desde a década de 80, a presença do agronegócio vem prejudicando famílias que vivem na região. As famílias tiveram que se submeter ao projeto do agronegócio e produzir frutas (melancia, mamão, manga) com o

manejo imposto pelas empresas: o uso de agrotóxicos. Por conta do uso de agrotóxicos, muitos trabalhadores e trabalhadoras ficaram doentes e o índice de câncer aumentou na região conforme pesquisa da Universidade Federal do Ceará.

“Trabalhei com veneno durante uns três anos e meio. Durante este tempo fiquei grávida da minha filha. Minha menina quando nasceu, nasceu com problema de saúde respiratório, por conta de tanto eu trabalhar no veneno.” Ana Maria - Assentamento Maurício de Oliveira, Assú-RN

“Já trabalhei muito com veneno, hoje não quero mais nem vê! Peguei um grande trauma, tenho problemas de respiração por causa do uso de veneno. Antes eu ria bastante, hoje não consigo nem fazer isso por que fico cansado e com a respiração curta.” Manoel Edezio de Araújo - Acampamento Coração de Jesus, Assú-RN

O desafio era fazer a transição para a agroecologia sem apoio das políticas públicas numa região de grande estiagem e sem opção de geração de renda imediata para as comunidades que se submeteram às empresas.

Outro desafio era a organização das mulheres nessa região. No início, foi muito difícil a participação das mulheres dos assentamentos nas reuniões, oficinas, cursos e intercâmbios. Alegavam que tinham muitas tarefas em casa e nos roçados, e que os maridos não gostavam que participassem das atividades. A CPT fez um trabalho casa por casa, mulher por mulher e depois iniciou a organização dos grupos de mulheres nos assentamentos. A partir das discussões nos grupos, elas começaram a participar das oficinas, cursos e intercâmbios, adquiriram novos conhecimentos e desempenham um papel fundamental na construção das experiências agroecológicas.

3. História e Desenvolvimento da Experiência

A equipe da CPT que atua no estado do Rio Grande do Norte, com apoio do Secretariado da CPT Nordeste 2 em Recife, desenvolveu a experiência. Em um primeiro momento, foi realizado diagnóstico participativo com os seis grupos. Percebemos que muitas famílias estavam bastante ausentes do debate e da

vivência com a agroecologia, da convivência com o semiárido e da soberania alimentar. Isso se refletia em suas vidas no cotidiano, tais como o uso de agrotóxicos, a necessidade de comprar fora boa parte da sua alimentação, o desmatamento sem manejo, a utilização sementes híbridas e modificadas para o plantio de seus roçados, provenientes dos programas de governo, a falta de um espaço de organização no próprio assentamento e a fragilidade da participação das mulheres nos espaços organizacionais deste.

No final de 2009, cerca de 350 famílias de assentamentos da Reforma Agrária na região oeste do RN decidiram fortalecer suas organizações para enfrentar o agronegócio, resgatar as formas de produção de seus antepassados, se alimentar de produtos saudáveis e proteger a natureza. Para que isso fosse possível, as famílias trabalharam em conjunto, através de trocas de experiências, intercâmbio, oficinas e cursos. A partir deste processo de intercâmbio, as famílias em processo de transição para a agroecologia visitaram comunidades da Chapada do Apodi e do sertão da Paraíba, onde as experiências de agroecologia já estão consolidadas. A CPT fez um planejamento junto com as comunidades e foram realizadas 36 oficinas, 384 visitas e reuniões de acompanhamento da implantação dos quintais produtivos, manejo da caatinga, apicultura, capricultura. Seis encontros de monitoramento e três de avaliação do processo foram realizados. Com isso, as famílias iniciaram a implantação das experiências e no final dos três anos foram implantados 355 quintais produtivos, 5 áreas de manejo da caatinga, organização dos bancos de sementes familiares e a criação de 8 grupos de mulheres.

4. Características Principais da Experiência

O objetivo e intuito foi o de melhorar a qualidade de vida das famílias camponesas assentadas nas áreas de reforma agrária, garantindo sua soberania alimentar, através da implementação de tecnologias de convivência com o semiárido e a produção agroecológica, fortalecendo seus espaços de articulação, comercialização e de tomada de decisões. A metodologia inclui diagnóstico participativo, intercâmbios, oficinas, cursos, visitas de

acompanhamento, seminários e sistematização da experiência.

5. Partes Interessadas e Organizações Parceiras

Os principais beneficiários da experiência são as 350 famílias de seis assentamentos, seis sindicatos dos trabalhadores rurais, 325 pessoas de outras comunidades/assentamentos da região oeste do Estado do Rio Grande do Norte. Tais grupos se beneficiaram com a capacitação e visitaram as experiências ao final de três anos, no intuito de implantá-las em suas comunidades.

Os grupos/instituições principais envolvidos na realização da experiência são:

- os seis assentamentos (350 famílias, 750 pessoas) da região oeste do Rio Grande do Norte
- a CPT
- o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais dos municípios de Assú, Upanema, Baraúna, Governadores Dix-Sept, Rosado e Apodi

Os grupos fizeram o planejamento com a CPT e ficaram responsáveis pela mobilização das comunidades, hospedagem e alimentação nas atividades realizadas na comunidade. A CPT implementou a experiência com o acompanhamento técnico através de dois técnicos agrícolas, com a tarefa do acompanhamento técnico e de repassar as tecnologias agroecológicas (projeto Fundação Heifer). Contou-se também com uma educadora (Projeto Misereor Diocese Mossoró) com a tarefa de facilitar a organização das mulheres, um educador (Projeto Misereor diocese Mossoró) com a tarefa de articulação política e assessoria na reivindicação das políticas públicas, uma assessora (projeto HORIZONT3000) com a tarefa de monitoramento, avaliação e sistematização da experiência.

6. Recursos

Os recursos necessários para realizar a experiência são:

- 2 técnicos agrícolas
- 2 educadores

- 1 assessora
- sementes
- mudas
- material pedagógico (cartolinas, lápis, pastas e outros)
- projetor
- transporte para os intercâmbios
- alimentação e hospedagem para os participantes dos seminários.

7. Lições aprendidas

As principais conclusões compreendem a necessidade de continuar com os processos de formação, organização e mobilização, para fortalecer as experiências de convivência implantadas, além de acreditar na solidariedade entre as comunidades.

Para expressar as lições aprendidas, partilhamos do seguinte depoimento sobre a experiência:

“Eu aprendi outro jeito de viver, eu estou fazendo, vou continuar mesmo sem apoio público a cuidar da minha plantação sem veneno. Digo que se a gente for esperar recursos públicos para implantar e manter a experiência, podemos correr o risco de não fazer nada. Temos que começar a cuidar da terra e do planeta com o que está no nosso alcance e com a solidariedade de outras comunidades e pequenas ajudas financeiras.” Damião Gomes, Assentamento Maurício de Oliveira, Assu, RN

8. Desafios

No decorrer da execução do projeto foram aparecendo várias dificuldades de acesso a políticas e programas públicos, sobretudo em relação à água para a produção e à morosidade do governo para liberar os créditos da reforma agrária. Com isso, a CPT teve que intensificar junto às famílias o processo de formação, organização e mobilização no sentido das mesmas buscarem solucionar esses problemas através dos órgãos responsáveis, sobretudo o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), órgão federal responsável pela desapropriação e efetivação das áreas de assentamentos, e as Prefeituras Municipais. Esse processo contribuiu para que as famílias percebessem que a luta pela estruturação de suas unidades produtivas não dependiam unicamente de suas forças e de projetos específicos, mas de toda

uma luta por políticas públicas que viessem a fortalecer a agricultura familiar camponesa como um todo. Percebeu-se a necessidade de uma maior articulação com outros grupos e outras regiões.

A partir deste processo, comunidades da Chapada do Apodi repassaram para as demais famílias as suas experiências bem sucedidas de convivência com o semiárido e de agroecologia. Com isso, as famílias iniciaram a implantação das experiências de convivência com o semiárido, como os quintais produtivos, viveiros de mudas, manejo da caatinga e banco de sementes. A falta de recursos públicos foi superada com a ajuda dos sindicatos de trabalhadores rurais e pequenos projetos produtivos da CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço).

Os problemas/desafios remanescentes na realização da experiência são a falta de infraestrutura, principalmente a de recursos hídricos, além da falta de créditos.

9. Sustentabilidade

Para que a prática seja sustentável desde o ponto de vista institucional, social e econômico, a principal medida é a implantação de quintais produtivos. Foram implantados 325 quintais produtivos (92 % por mulheres). Em cada quintal há verduras, fruteiras, plantas medicinais e criação de animais de pequeno porte. Os quintais produtivos têm mudado a vida das famílias. As mudanças são observadas na alimentação, renda familiar, climatização das casas, embelezamento do assentamento e, sobretudo, na autoestima das mulheres camponesas. As árvores frutíferas vão sobreviver na época de estiagem.

10. Compartilhando a Experiência

A experiência foi sistematizada e apresentada em vários fóruns, encontros da ASA (Articulação no Semiárido Brasileiro), sindicatos, associações, e boa parte das 5.000 cartilhas das experiências foram distribuídas em escolas da região.

Esta experiência já foi compartilhada com outras instituições: ASPTA - Assessoria e

Serviços a Projetos em Agricultura e Tecnologia Alternativa e CENTRAC - Centro de Ação Cultural.

Outros grupos, instituições ou organizações que produzem usando agrotóxicos ou querem

melhorar seu jeito de produzir, poderiam interessar-se pela experiência. Em geral, comunidades que vivem em região de pouca chuva. Poderia ser interessante para alguns países da África e da América.

11. Bibliografia

CPT. (2014). *Cartilha "Aprendi outro jeito de Viver - Tradições e novos conhecimentos nas terras oeste do Rio Grande do Norte – Brasil"*: http://www.cptne2.org.br/downloads/Cartilhas/aprendi_outro_jeito_de_viver.pdf